

Projectos Escolares e Profissionais de Jovens

Bártolo Paiva Campos *

Apresentam-se os resultados de um inquérito sobre projectos escolares e profissionais de 967 alunos do 9.º ano de escolaridade provenientes de 25 escolas dispersas pelo País. Os resultados são analisados em termos de necessidades de intervenção junto do grupo total e dos grupos diferenciados em função do sexo e do nível sócio-económico. A maior parte dos alunos tenciona continuar a estudar, mas metade destes não tem ainda definido o projecto escolar imediato: estão confusos ou indecisos entre duas ou mais áreas do ensino complementar. Alguns indicadores permitem questionar a qualidade dos projectos escolares a curto prazo daqueles que já os definiram: concentram-se nos cursos de Letras/Ciências e nem sempre têm em conta a ligação entre área de estudos e domínio profissional. Quanto aos projectos escolares a médio prazo, quatro quintos dos alunos aspiram concluir estudos superiores embora nem todos se julguem capazes disso. Os projectos profissionais destes alunos são na maioria relativos a profissões de nível superior e situam-se predominantemente em domínios não-tecnológicos. São as raparigas e os alunos do estrato sócio-económico mais baixo que se encontram em situação mais problemática relativamente a todas estas questões.

Um dos modos de tematizar o desenvolvimento dos jovens e dos adultos poderá ser à volta do processo de elaboração e implementação de projectos de transformação da sua própria realidade e da realidade circundante. A qualidade de vida psicológica de uma pessoa depende essencialmente da capacidade e possibilidade de elaborar e implementar projectos bem como da qualidade destes.

É no contexto desta maneira de pôr o problema, apresentada muito globalmente, que estamos a estudar mais especificamente os projectos escolares e profissionais dos jovens portugueses, entendendo por projecto qualquer resposta que tenha a ver com a participação do sujeito na definição do seu futuro: escolhas actuais, aspirações, preferências, planos, etc. Quais são esses projectos? Como se caracterizam? Como surgem e evoluem? Como se diferenciam em função dos grupos de pertença? Qual a influência das instituições sociais (família, escola, meios de comunicação social, etc.) na forma que vão tomando? Quais as necessidades e possibilidades de apoio especializado neste processo?

(*) Professor da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (Director do Serviço de Consulta Psicológica e Orientação Vocacional). Estudo realizado com subsídio do INIC (Linha de Acção n.º 1 do Centro de Psicologia da Universidade do Porto). Agradece-se a Luís Imaginário e a Fernando Rocha a colaboração prestada na redacção final do questionário utilizado neste trabalho bem como aos Conselheiros de Orientação Profissional do Instituto do Emprego e Formação Profissional que o administraram nas Escolas Secundárias onde estavam a intervir, sem esquecer os alunos que se dispuseram a responder. Agradece-se ainda a Pedro Pinho, Maria de Lurdes Gramaxo e J. Tamames que colaboraram neste estudo realizando as tarefas de correcção dos questionários e de tratamento estatístico dos resultados por computador.

Os dados aqui apresentados sobre projectos escolares e profissionais referem-se a alunos do 9.º ano de escolaridade e são extraídos de um inquérito realizado junto de quase mil alunos, em Fevereiro e Março de 1982. Embora os resultados sejam apresentados sem enquadramento e discussão teóricos, sugere-se o seguinte ângulo de análise: até que ponto esta situação concreta dos

jovens face aos projectos escolares e profissionais não nos fornece indicações sobre necessidades de mudança por parte das instituições sociais, bem como sobre necessidades de uma intervenção especializada? Acontece que os resultados serão apresentados não só relativamente ao grupo total, mas também distribuídos por rapazes e raparigas e pelo nível sócio-económico de pertença dos jovens; se numa perspectiva de compreensão da situação tais distribuições nos dão algumas pistas para um estudo diferencial dos projectos, em termos de identificação de necessidades, permitem-nos detectar grupos sociais mais carenciados do que outros.

Depois da descrição do questionário e da amostra, examina-se o itinerário escolar já percorrido por estes jovens, antes de passar à análise dos seus projectos escolares a curto prazo. Vê-se então qual a natureza, o grau de definição e de segurança dos projectos escolares dos alunos bem como até que ponto são influenciados pelas perspectivas profissionais futuras. Passa-se em seguida aos projectos escolares a médio

efeito e cobrindo os diversos aspectos a estudar (a maior parte das questões analisadas neste estudo é apresentada nos respectivos quadros). Foi passado a 967 alunos do 9.º ano de escolaridade em 23 escolas (1) onde em 1981-1982 o Instituto do Emprego e Formação Profissional realizou um programa de orientação escolar e profissional e em duas escolas da cidade do Porto (Alexandre Herculano e Garcia de Orta) onde o serviço da Faculdade estava a intervir. A distribuição dos alunos por sexo e nível sócio-económico (NSE), determinado pela profissão e escolaridade do pai e da mãe, consta do Quadro I.

Qual a representatividade nacional desta amostra? Convém ter em conta que a distribuição geográfica é deficiente; embora contemple várias zonas do país, algumas há que não estão representadas como é o caso de Lisboa (embora haja Cascais e Almada) e outras com grande peso, como é o caso do grande Porto: 44% do total dos alunos. Observe-se ainda que a amostra é constituída por alunos que manifestaram desejo de participar em acções de orien-

QUADRO I

Distribuição da amostra por sexo e nível sócio-económico

Sexo	NSE			Total
	Baixo	Médio	Alto	
M	191 44%	261 58%	38 48%	490 51%
F	247 56%	189 42%	41 52%	477 49%
Total	438 45%	450 47%	79 8%	967 100%

prazo comparando as aspirações dos alunos com as suas expectativas de sucesso. Termina-se com a referência aos projectos profissionais: quais são, até que ponto os alunos estão seguros dos mesmos e qual a determinação escolar na sua definição.

Metodologia

O questionário e a amostra

O questionário é composto por questões de vários tipos elaboradas para o

tação, o que prejudica a selecção aleatória dos sujeitos. Constata-se, finalmente, que a distribuição por sexo dentro de cada estrato é desequilibrada: menos raparigas no estrato médio e menos rapazes no estrato baixo.

No entanto, dado o elevado número de alunos da amostra e considerando que alguns resultados, como à frente se verá, são idênticos aos obtidos com inquéritos mais representativos, talvez não seja muito arriscado pensar que os

resultados têm um valor mais geral e não apenas junto da amostra inquirida.

Tratamento dos resultados

Para análise estatística da significação das diferenças de sexo e de nível sócio-económico utilizou-se o X^2 . Quando no texto se referem diferenças trata-se sempre de diferenças estatisticamente significativas a pelo menos $p < .05$; indicações mais precisas encontram-se nos quadros em anexo.

Itinerário escolar percorrido

Antes de examinar os projectos dos alunos, começemos a apresentação dos resultados por aqueles que se referem às realizações passadas no percurso escolar. Tais realizações podem influenciar os projectos futuros; com efeito, os insucessos e atrasos, bem como o nível de sucesso, podem influenciar o gosto pelo estudo e pelas diversas disciplinas, a expectativa de sucesso futuro e a disponibilidade que, por sua vez, podem influenciar o projecto de continuar ou não a estudar bem como o nível e o domínio do projecto escolar e profissional. O itinerário escolar percorrido é aqui caracterizado pelos atrasos e reprovações sofridos na escolaridade.

Alunos com atrasos

Entre os 14 e 15 anos seria a idade normal para frequentar o 9.º ano, se não houvesse qualquer atraso na escolaridade; se incluirmos os alunos de 15 a 16 anos, até porque o questionário foi passado em Fevereiro/Março, mesmo assim 39% (dois em cada cinco) tem mais de 16 anos e um quinto destes (8% do total) tem mais de 18 anos (Quadro II). Não se registam diferenças assinaláveis entre rapazes e raparigas, o mesmo não acontecendo quanto ao NSE: quanto mais baixo é o nível maior é a percentagem de alunos com atrasos que atinge 50% no NSE baixo.

Alunos com reprovações

É provável que a maior parte daqueles atrasos sejam devidos a reprovações. Destes alunos do 9.º ano, só 8% tiveram

alguma reprovação no ensino primário e só 9% no ensino preparatório. Mas quase metade (46%) teve pelo menos uma reprovação no unificado (18% mesmo mais do que uma (Quadro III). Não há diferenças assinaláveis entre rapazes e raparigas, mas há-as entre níveis sócio-económicos: 54% de alunos de NSE baixo reprovaram pelo menos uma vez, 43% do NSE médio e apenas 24% do NSE alto.

Isto é, a maior parte dos alunos que reprovam no ensino primário ou no preparatório não continuam a escolaridade: as reprovações nestes níveis de ensino parecem estar ligadas ao facto de não continuar a estudar. Observe-se além disso que, embora os que frequentam o unificado tenham já passado a selecção do básico, quase metade dos que chegam ao 9.º ano ainda reprova no 7.º e 8.º ano. Este fenómeno, comum a rapazes e raparigas, é contudo mais típico dos alunos provenientes dos NSE baixo (54%) e médio (43%); apenas se observa junto de 24% dos alunos do NSE elevado.

A não continuação de estudos ou a realização de cursos menos longos por parte daqueles estratos talvez sejam mediadas pelas reprovações. Como estas nem sempre significam falta de capacidade por parte dos alunos, dir-se-ia (banalmente!) que é preciso contribuir para o sucesso de maior percentagem de alunos, mesmo no unificado, sobretudo dos oriundos do NSE baixo e médio; é preciso apoiar ainda os reprovados, sobretudo os do NSE baixo (onde há menos recursos financeiros e aspirações mais baixas), para minimizar os efeitos nocivos da reprovação sobre as decisões relativas ao itinerário futuro a percorrer.

Projectos escolares após o 9.º ano

Com este itinerário já percorrido, como perspectivam estes alunos o seu futuro imediato após o 9.º ano? Tencionam continuar a estudar ou não? Caso afirmativo, já têm planos? Que planos? Até que ponto estão seguros na definição do projecto de estudos a realizar após o 9.º ano? Os projectos que

têm são influenciados pelas perspectivas profissionais futuras? Os rapazes e as raparigas e os elementos de cada NSE situam-se do mesmo modo face a estas questões?

Continuar estudos: sim ou não?

Apenas 3% diz não tencionar continuar a estudar. Num inquérito realizado pelo GEP (Cândida Soares et al., 1980) em Maio de 1979, 5,6% diziam que não tencionavam continuar estudos e 19,6% ainda não sabia.

Grau de definição e de segurança no projecto de continuar

Se 97% dos alunos tencionam continuar estudos, o certo é que um em cada quatro (25%) indica que «ainda não fez ou não consegue fazer uma hipótese de escolha» e 32% indicam mais do que uma área provável de matrícula no curso complementar (Quadro IV). Isto é, quase três em cada cinco alunos (57%) ainda não tem um projecto definido para a continuação dos estudos após o 9.º ano. Esta indefinição é um pouco mais elevada nos rapazes (60%) do que nas raparigas (53%) e nos estratos baixo e médio do que no alto.

Esta indefinição do projecto escolar imediato vai de par com uma insegurança quanto ao mesmo (Quadro V).

tuada nas raparigas (62%) do que nos rapazes (53%). Quanto ao NSE constata-se que quanto mais baixo é, maior é a percentagem de indecisos (44%, 53% e 64%, respectivamente).

Natureza do projecto escolar

Os que já tem um projecto definido de continuação de estudos como distribuem as suas preferências pelas diversas áreas do curso complementar?

Tivemos em conta a área que definiram como de matrícula mais provável e solicitamos, aos que indicaram mais do que uma, para colocar uma em 1.º lugar (Quadro VI). De entre 668 alunos (cerca de 2/3 do total) que estão nestas condições, um sobre três refere a área de estudos Científico-Naturais (32%) e um sobre quatro, a área de estudos Humanísticos (25%); depois vêm as áreas de estudos Científico-Tecnológicos (19%), Económico-Sociais (16%) e Artes Visuais (7%).

No já referido estudo efectuado pelo GEP (p. 16) a distribuição das intenções de matrícula no 10.º ano era a referida no Quadro VII.

Se compararmos os projectos dos rapazes com os das raparigas (Quadro VI) verificamos que estas escolhem mais as duas áreas globalmente mais preferidas (Científico-Naturais e Hu-

QUADRO VII

Comparação das intenções de matrícula nas diversas áreas do complementar (No estudo do GEP e neste).

AREAS DO COMPLEMENTAR	Estudo GEP	Neste estudo
Científico-Naturais	36%	32%
Científico-Tecnológicos	18%	19%
Económico-Sociais	21%	16%
Humanísticos	18%	26%
Artes Visuais	4%	7%

Três em cada cinco alunos (58%) dos que tencionam continuar a estudar estão indecisos entre duas ou mais áreas ou estão completamente indecisos acerca do seu futuro escolar; só dois em cinco (42%) é que se manifestam seguros de que se vão matricular numa área já definida. Tal indecisão é mais acen-

manísticas) e quase não escolhem Científico-Tecnológicas. Estas diferenças verificam-se de modo idêntico em todos os níveis sócio-económicos. Observa-se, no entanto, uma tendência dos alunos da classe média para escolherem mais Científico-Naturais e menos Humanísticas.

Podemos comparar estes resultados com as inscrições reais em 1980 (Quadro VIII).

QUADRO VIII

Comparação entre as intenções de matrícula nas áreas do complementar e as matrículas em 1980.

AREAS DO COMPLEMENTAR	Intenções de matrícula neste estudo		Inscrições em 1980*
	Rapazes	Raparigas	Raparigas
Científico-Naturais	44%	56%	55,4%
Científico-Tecnológicas	93%	7%	6%
Económico-Sociais	55%	45%	58,4%
Humanísticas	28%	72%	72%
Artes Visuais	63%	37%	43%

* Estatísticas da Educação, INE 1980.

Tudo parece indicar que há uma correspondência entre as intenções e as inscrições de facto. Mas podemos levantar as seguintes questões: até que ponto estes projectos têm em conta a estrutura de oportunidades sócio-económicas (distribuição nos domínios de actividade económica e possibilidades de emprego)? Até que ponto a definição dos projectos foi precedida de uma exploração de alternativas ou até que ponto significa adesão sem crítica às normas sociais para o grupo social de pertença? Porque é que, por exemplo, as raparigas se definem pouco relativamente à área científico-tecnológica?

Definição profissional do projecto escolar

Mas há outros modos de apreciar a qualidade destes projectos. Procurámos examinar algumas razões que os alunos apresentam para a escolha.

Perguntava-se porque consideravam os alunos mais adequada para si a área em que tencionavam matricular-se ou que colocavam em 1.º lugar como de matrícula mais provável: por causa das disciplinas que tem, das disciplinas que não tem ou das profissões e/ou estudos superiores a que dá acesso?

Vê-se (Quadro IX) que dois em cada cinco alunos (39%) define o seu projecto sobretudo por causa das discipli-

nas que a área tem ou não tem e não por causa da actividade profissional a que dá acesso (um em cada três pelas

disciplinas que tem e um em cada dez pelas disciplinas que não tem). Talvez a ausência de determinação profissional fosse maior se não tivéssemos misturados profissões e estudos superiores numa das hipóteses de resposta.

Mas enquanto esta ausência de prioridade à perspectiva profissional se verifica em um sobre três rapazes, uma sobre duas raparigas não define por razões profissionais ou de estudos superiores o seu projecto específico de continuação de estudos; esta diferença de sexo é mais nítida no NSE baixo.

Estes resultados parecem indicar que a influência da perspectiva de futuro, nomeadamente profissional, na definição do projecto imediato não é predominante em metade das raparigas e num terço dos rapazes. No entanto, esta definição pelas disciplinas também pode representar uma adaptação dos projectos às capacidades próprias estimadas pelos resultados escolares e a prioridade dada ao nível sobre o domínio profissional a exercer. O que necessitaria de maior aprofundamento.

Projectos escolares a médio prazo

Procuramos determinar os projectos escolares destes alunos, a médio prazo, não em termos de domínios mas de nível de escolaridade. Aliás a aspiração relativa ao nível a atingir parece, segundo algumas teorias (Gottfredson,

1981), influenciar mais o itinerário do indivíduo do que a que se refere ao domínio (cede-se mais facilmente no domínio do que no nível).

Para o efeito, perguntámos qual o nível mais elevado de escolaridade ou de formação que *gostariam* de atingir, por um lado, e que pensavam *ser capazes de atingir*, por outro; em seguida comparámos as duas séries de resultados. Evidentemente que as aspirações e as expectativas de sucesso não são projectos já definidos mas, para o efeito, podemos considerá-las componentes do processo de elaboração dos projectos ou fases embrionárias dos mesmos.

Nível de aspirações escolares

Quatro sobre cinco alunos (82%) gostaria de realizar um curso superior (universitário, 58%, politécnico (2), 24%) (Quadro X). São sobretudo os

42%; politécnicos, 23%), sendo idêntico o número de rapazes e de raparigas. Há, no entanto, menos raparigas (37%) do que rapazes (47%) a estimarem-se capazes de efectuar cursos universitários: aquelas «contentam-se» com a expectativa de sucesso no politécnico. Relativamente ao nível sócio-económico, quanto mais elevado este é, maior é o número de alunos com expectativa de sucesso em cursos universitários (22%, 57% e 69%, respectivamente) e menor a expectativa nos cursos politécnicos (Quadro XI).

Se compararmos com o nível de escolaridade desejado constata-se que é entre os alunos que aspiravam a cursos universitários que a baixa é mais acentuada, sobretudo entre as raparigas (Quadro XII).

A «descida» faz-se em favor do curso complementar (de 10% de aspiração

QUADRO XII

Aspiração e expectativa de sucesso por estudos universitários

	Expectativa	Aspiração
Rapazes	48%	60%
Raparigas	37%	56%
Total	42%	58%

estratos alto (83%) e médio (71%) que aspiram ao curso universitário; só dois em cada cinco (41%) do estrato baixo têm esta aspiração. É junto das raparigas (30% contra 20% nos rapazes) e no estrato baixo que se encontram mais aspirações pelo politécnico (32% contra 18% e 5% dos estratos médio e alto); de salientar que só 5% aspiram ao politécnico no estrato alto e que, no estrato baixo se encontram mais raparigas (79%) do que rapazes (65%) com esta aspiração. Observe-se, finalmente, que apenas 6% aspira a um curso profissional após o 9.º ano de escolaridade.

Expectativas de sucesso

Apenas 65% pensa ser capaz de realizar cursos superiores (universitários,

mais elevada para 24% de expectativa de sucesso mais elevado); é provável que as aspirações universitárias desçam para expectativas no politécnico e as aspirações politécnicas para expectativas no complementar.

Não obstante esta «descida», tenha-se presente que 90% dos alunos (84% no estrato baixo e 94% no médio e no alto) aspiram e estimam-se capazes de atingir pelo menos o 12.º de escolaridade; de facto, mesmo no estrato mais baixo, só 7% considera o 9.º ano como nível mais alto de que se julga capaz e só 9% estima um curso profissional após o 9.º ano como o nível mais alto de que é capaz. Recorde-se que só 30% dos alunos do grupo etário 15/19 se encontra na escola.

A comparação entre aspirações e expectativas pode ainda ser feita de outro modo (Quadro XIV): quando há concordância, quando o nível aspirado é maior e quando o nível de expectativa é maior. Verifica-se que em dois terços dos casos há concordância (mais nos rapazes e nos estratos médio e alto), que em 30% dos casos o nível aspirado é maior que o sucesso esperado (mais nas raparigas e no estrato baixo) e que as expectativas são superiores às aspirações numa pequena percentagem que se encontra sobretudo no estrato baixo.

Podemos concluir que o acesso da classe baixa ao ensino superior também passa por uma mudança de aspirações e de expectativas; e se as aspirações e expectativas dos alunos dos outros estratos ainda vão sofrer o confronto da realidade que o ensino complementar, o ensino superior e o mercado de trabalho oferecem, nem por isso parece legítimo concluir que a posição dos alunos do estrato baixo é apenas o resultado antecipado de tal confronto: mais parece o resultado da pertença àquele estrato. As expectativas de sucesso inferiores nas raparigas também vão, sem dúvida, influenciar o seu itinerário futuro de modo discriminativo.

Projectos Profissionais

De entre as profissões que já consideraram como hipóteses para si próprios, qual colocam em primeiro lugar, no momento do inquérito? As respostas foram agrupadas em cinco domínios e em dois níveis profissionais. Os domínios são os seguintes: científico, tecnológico, gestão, social, artístico. Os níveis — superior e intermédio — correspondem aos níveis de escolaridade que normalmente são exigidas para aceder a tais profissões: universitário e superior, por um lado, complementar, por outro.

Domínios e níveis profissionais

O domínio a que pertencem a maior parte das escolhas é o das profissões sociais nas quais avulta o ensino: um terço das profissões assinaladas. Seguem-se os domínios científico e tecnol-

ógico: um quarto das escolhas. Quanto ao nível das profissões escolhidas verifica-se que mais de três quartos das preferências se situam no nível superior; apenas 16% escolhem profissões de nível intermédio, essencialmente enfermagem, trabalhadores da indústria, do comércio e dos serviços (Quadro XIV).

Relativamente à repartição das escolhas pelos diversos estratos sócio-económicos, assinala-se que um quarto dos alunos do NSE baixo coloca em primeiro lugar profissões de nível intermédio, enquanto isso acontece somente em um sobre dez no NSE médio e em um sobre vinte no NSE alto.

Se atendermos às diferenças de sexo constata-se que os rapazes escolhem predominantemente o domínio tecnológico (40%) sobretudo no nível superior (33%), enquanto que as raparigas quase não indicam profissões deste domínio. As raparigas, de facto, concentram as suas preferências no domínio social (45%), quase só no nível superior (43%); apenas 20% dos rapazes escolhem este domínio, essencialmente no nível superior (19%). Observe-se que três em cada cinco raparigas escolhem o domínio social ou artístico o que acontece somente para três em cada dez rapazes; se acrescentarmos o domínio científico, registamos que a quase totalidade (87%) das opções das raparigas se concentra nos domínios social-científico-artístico o que acontece a menos de metade dos rapazes (46%). Estas diferenças de sexo apresentam sensivelmente a mesma estrutura em todos os estratos sócio-económicos.

Resumindo. Apenas uma pequena percentagem coloca em primeiro lugar profissões de nível intermédio; são sobretudo os alunos do NSE baixo que o fazem e, essencialmente, no sector dos serviços. As raparigas quase só escolhem profissões do grupo social (letras)-ciências, enquanto que perto de dois em cada três rapazes escolhe o grupo tecnologia-ciências. De qualquer modo, no conjunto da população, o grupo social (letras)-ciências-artes é mais preferido do que o grupo tecnologia, sobretudo no nível superior (62% e 22%, respectivamente).

Grau de segurança

Até que ponto estão os alunos seguros de que a profissão que colocaram em primeiro lugar como sendo a que gostariam de exercer, ainda será a mesma um ano depois? Quase metade (48%) está indeciso ou confuso, embora mais as raparigas (56%) do que os rapazes (41%) e mais no NSE baixo (53%) do que nos outros (44% e 43%) (Quadro XV).

Convidados a indicar a profissão que, naquele momento, colocavam em segundo lugar, verifica-se que esta corresponde junto de 40% dos alunos a uma área de estudos diferente da assinalada em primeiro lugar; este fenómeno é mais acentuado junto dos rapazes (Quadro XVI). Dos que fazem a segunda escolha em área diferente há 42% que mudam de nível; mais de metade destes que mudam de área e de nível pertencem ao NSE baixo. Mas mesmo quando a segunda escolha corresponde à mesma área de estudos da primeira (em 60% dos casos), também 42% destes indicam uma profissão de nível diferente; dois terços dos que o fazem são raparigas. Tendo em conta os que indicam profissões de nível diferente, quer correspondam à mesma ou a outra área, verifica-se que isso acontece junto de 40% do total de alunos e sobretudo junto das raparigas (46%) e do NSE baixo (48%).

Estas diferenças de área e de nível entre a primeira e a segunda escolha são também indicadores da indefinição relativamente ao domínio e ao nível do projecto profissional destes alunos.

Determinação escolar

Um aluno em cada quatro afirma que eliminou uma hipótese profissional por causa de disciplinas das áreas de estudos do ensino complementar correspondentes. Há mais raparigas (28%) que rapazes (20%) nesta situação (Quadro XVII). As hipóteses profissionais mais frequentemente eliminadas são o ensino, o direito e a medicina; as disciplinas mais referidas são a matemática, a biologia e a língua estrangeira.

Para concluir

Numa perspectiva de análise de necessidades de intervenção, quer por parte da família, da escola e doutras instituições sociais, quer por parte de um profissional especializado, salientemos alguns resultados deste inquérito, sem voltar a assinalar as dificuldades metodológicas enunciadas no início.

1. Enquanto a maior parte dos alunos tenciona continuar a estudar há no entanto *metade que não têm projecto definido* relativamente à continuação de estudos (e porventura ao que fará depois do 9.º ano, se de facto não continuar a escolaridade). Isto acontece porque os alunos estão confusos ou indecisos entre duas ou mais áreas e é um fenómeno mais acentuado nas raparigas e nos estratos baixo e médio.

2. Mesmo os que têm projectos escolares imediatos definidos ou conseguem priorizar as alternativas que estão a considerar, apresentam certas características que nos levam a *questionar a qualidade dos seus projectos*:

- concentram-se nos cursos de Letras/Ciências, sobretudo as raparigas (76%) e o estrato baixo (60%);
- a ligação entre área de estudos e o exercício profissional está pouco presente na escolha da área em quase 40% do total dos alunos e em metade das raparigas;
- podemos ainda interrogar-nos se os que declararam já ter escolhido uma área fizeram preceder esta definição de uma exploração crítica das alternativas existentes.

3. Relativamente aos projectos escolares a médio prazo, quatro quintos dos alunos *aspira* a cursos superiores, mas nem todos se julgam *capazes* disso; são as raparigas e os alunos do nível sócio-económico baixo que se julgam menos capazes de realizar cursos universitários. Poucos alunos aspiram a um curso profissional após o 9.º ano e quase todos se sentem capazes de terminar o curso complementar. Estamos

perante um certo número de realidades psicológicas (sem falar já das sociais) que certamente provocarão conflitos, de resolução mais ou menos difícil, à medida que os jovens se confrontarem com a realidade social.

4. Os principais projectos profissionais dos alunos são quase só relativos a profissões de nível superior e situam-se sobretudo nos domínios não-tecnológicos. As mudanças de área e de nível na segunda preferência profissional indiciam um estado de indefinição relativamente ao domínio e ao nível do projecto profissional sobretudo junto das raparigas e dos alunos do NSE baixo.

5. Se examinarmos como os diferentes grupos sociais se diferenciam face aos quatro grupos de problemas acabados de enunciar, observa-se que as

raparigas e os alunos do NSE baixo se encontram em situação mais problemática.

Estes alguns dados de situação, relativos aos projectos escolares e profissionais dos nossos alunos do 9.º ano de escolaridade, que exigem medidas de carácter social e pedagógico mais vasto, mas que não deixarão também de beneficiar de uma intervenção psicológica não limitada, evidentemente, a uma acção junto dos alunos.

Deixamos para outro momento uma tentativa de análise deste tipo de dados em termos processuais e menos estáticos, mais quanto ao que provavelmente está a ocorrer nestes jovens e menos em termos de resultados de um processo acabado. Inspirar-nos-emos, nomeadamente, nas teorias do processo de formação da identidade profissional e de desenvolvimento das aspirações.

QUADRO II

Idade dos alunos, por sexo e nível sócio-económico (em percentagens).

IDADE	Total	M	F	NSE	NSE	NSE
	N=944	N=481	N=463	Baixo N=417	Médio N=449	Alto N=78
13-14	2	2	2	1	3	5
14-15	32	34	30	21	39	55
15-16	27	25	29	27	28	17
16-17	20	21	19	26	15	14
17-18	10	11	10	14	8	4
Mais de 18	8	7	10	11	7	5

Nível de significação estatística das diferenças (X^2): sexo (n.s.); NSE ($p < .001$).

QUADRO III

Reprovações no unificado por sexo e NSE (em percentagens).

REPROVAÇÕES	Total	M	F	NSE	NSE	NSE
	N=925	N=474	N=451	Baixo N=413	Médio N=434	Alto N=78
Uma	28	25	32	34	26	14
Duas	13	14	12	15	12	6
Três	4	4	3	4	4	4
Mais que três	1	1	1	1	1	—
Nenhuma	54	56	52	46	57	76

Nível de significação estatística das diferenças (X^2): sexo (n.s.); NSE ($p < .001$).

QUADRO IV

Definição do projecto escolar imediato, por sexo e NSE (em percentagens). Qual é a área ou áreas de estudo do 10.º ano de escolaridade que neste momento considera a mais provável para a sua matrícula? (Pode dar mais que uma resposta).

PROJECTO APOS 9.º ANO	Total	M	F	NSE Baixo	NSE Médio	NSE Alto
	N=956	N=482	N=474	N=435	N=442	N=79
«Não tenciono continuar a estudar»	3	3	3	4	2	3
«Ainda não fiz ou não consigo fazer uma hipótese de escolha»	25	23	26	29	22	16
Indica mais do que uma área	32	37	27	30	36	27
Indica uma só área	40	37	44	37	40	54

Nível de significação estatística das diferenças (X^2): sexo ($p < .01$); NSE ($p < .01$).

QUADRO V

Segurança do projecto escolar imediato, por sexo e NSE (em percentagem). Muitas vezes, os alunos mudam de opinião acerca da área de estudos em que pensam matricular-se. Relativamente à área de estudos que colocou em 1.º lugar na resposta à pergunta n.º 4, até que ponto está seguro que será nela que se vai matricular?

GRAU DE SEGURANÇA E DEFINIÇÃO	Total	M	F	NSE Baixo	NSE Médio	NSE Alto
	N=926	N=464	N=462	N=412	N=435	N=79
«Estou muito seguro»	21	24	19	21	20	28
«Estou bastante seguro»	21	23	19	15	26	28
«Estou indeciso entre duas ou mais áreas»	34	34	34	35	34	28
«Estou completamente indeciso acerca do meu futuro escolar»	24	19	28	29	20	16

Nível de significação estatística das diferenças (X^2): sexo ($p < .05$); NSE ($p < .001$).

QUADRO VI

Projecto escolar imediato, por sexo e NSE (em percentagens). De entre as áreas que referiu como prováveis na pergunta anterior qual é a que neste momento coloca em 1.º lugar?

AREA DE ESTUDO PREFERIDA	Total	M	F	NSE Baixo	NSE Médio	NSE Alto
	N=668	N=350	N=318	N=272	N=332	N=62
Científico-Naturais	32	27	37	29	36	23
Científico-Tecnológicos	19	34	3	18	20	19
Económico-Sociais	16	17	15	15	17	16
Humanísticas	26	14	39	30	21	31
Artes Visuais	7	8	6	8	6	11

Nível de significação estatística das diferenças (X^2): sexo ($p < .001$); NSE (n.s.).

QUADRO IX

Razões predominantes do projecto escolar imediato, por sexo e NSE (em percentagens). Porque considera mais adequada para si a área que coloca em 1.º lugar? (Uma só resposta).

RAZÕES DE ESCOLHA DE AREA DE ESTUDOS	Total	M	F	NSE Baixo	NSE Médio	NSE Alto
	N=680	N=355	N=325	N=282	N=334	N=64
«Sobretudo por causa das disciplinas que tem»	31	25	38	32	29	36
«Sobretudo por causa das disciplinas que não tem»	8	7	9	10	7	3
«Sobretudo por causa profissões e/ou dos estudos superiores a que dá acesso»	61	68	53	58	64	61

Nível de significação estatística das diferenças (X^2): sexo ($p = .05$); NSE (n.s.).

QUADRO X

Aspirações relativas ao nível de escolaridade mais elevado a atingir, por sexo e NSE (em percentagens). Qual o nível mais elevado de escolaridade ou de formação que gostaria de atingir? (Uma só resposta).

NIVEL MAIS ELEVADO ASPIRADO	Total	M	F	NSE Baixo	NSE Médio	NSE Alto
	N=967	N=493	N=474	N=438	N=450	N=79
O curso geral do ensino secundário (9.º ano de escolaridade)	2	1	2	2	1	3
Um curso profissional após o 9.º ano de escolaridade	6	9	4	9	4	6
O curso complementar do ensino secundário (12.º ano de escolaridade)	10	12	8	16	6	3
Um curso profissional não universitário após o curso complementar (Magistério Primário, Enfermagem, Contabilidade...)	24	17	30	32	18	5
Um curso universitário	58	61	56	41	71	83

Nível de significação estatística das diferenças (X^2): sexo ($p < .01$); NSE ($p < .001$).

QUADRO XI

Expectativa de sucesso escolar, por sexo e NSE (em percentagens). *Tendo presente as mesmas possibilidades de resposta da pergunta anterior, diga qual é o nível mais elevado de escolaridade ou de formação que pensa ser capaz de atingir? (Uma só resposta).*

NÍVEL MAIS ELEVADO DE QUE SE JULGA CAPAZ	Total N=947	M N=483	F N=464	NSE		
				Baixo N=428	Médio N=441	Alto N=78
O curso geral de ensino secundário (9.º ano de escolaridade)	5	4	5	7	3	—
Um curso profissional após o 9.º ano de escolaridade	6	7	5	9	3	6
O curso complementar do ensino secundário (12.º ano de escolaridade)	24	26	23	33	18	12
Um curso profissional não-universitário após o curso complementar (Magistério Primário, Enfermagem, Contabilidade...)	23	15	30	29	19	12
Um curso universitário	42	48	37	22	57	69

Nível de significação estatística das diferenças (X^2): sexo (n.s.); NSE ($p < .001$).

QUADRO XIII

Comparação entre profissões colocadas em 1.º e em 2.º lugar, por sexo e NSE (em percentagens).

ASPIRAÇÃO E EXPECTATIVA	Total N=945	M N=483	F N=462	NSE		
				Baixo N=427	Médio N=440	Alto N=78
Nível aspirado é igual ao esperado	64	67	61	53	72	77
Nível aspirado é maior	30	27	34	38	25	19
Nível aspirado é menor	6	6	5	9	3	4

Nível de significação estatística das diferenças (X^2): sexo ($p < .05$); NSE ($p < .001$).

QUADRO XIV

Domínios do projecto profissional por sexo, NSE e nível (em percentagens). *Possivelmente já tem pensado na profissão que gostaria de exercer. De entre as profissões que tem considerado para si, qual coloca, neste momento, em primeiro lugar?*

DOMÍNIOS DE NÍVEL SUPERIOR	Total N=869	M N=445	F N=424	NSE		
				Baixo N=387	Médio N=409	Alto N=73
<i>Científico</i> (Ciências Naturais, exactas, agrónomicas e médicas)	19	15	23	13	23	23
<i>Tecnológico</i> (Engenharias)	18	33	2	15	20	18
<i>Gestão, Administração, Comércio</i>	3	4	1	5	4	6
<i>Social</i> (Ciências Sociais — incluindo psicologia — e jurídicas, ensino e serviço social)	31	20	42	35	26	31
<i>Artístico</i> (Artes criativas e aplicadas, visuais e verbais incluindo intérprete e jornalista (os dois níveis))	12	10	13	10	13	15

DOMÍNIOS DE NÍVEL INTERMÉDIO

<i>Científico</i> (Enfermagem...)	4	1	7	7	1	0
<i>Tecnológico</i> (Trabalhadores da indústria...)	4	7	1	5	4	0
<i>Gestão, Administração e Comércio</i> (Trabalhadores dos Serviços)	7	5	8	11	4	4
<i>Social</i> (Hospedeiras...)	1	1	2	1	1	1

Nota — O total não atinge os 100% porque não foram classificadas outras profissões (polícia, militar, desportista...) escolhidas por 2% dos alunos, sobretudo rapazes.

Nível de significação estatística das diferenças (X^2): sexo ($p < .001$); NSE ($p < .01$).

QUADRO XV

Segurança do projecto profissional, por sexo e NSE (em percentagens). *Muitas vezes as pessoas mudam de ideias acerca da profissão que pensam exercer. Até que ponto está seguro que daqui a um ano a profissão que colocará em 1.º lugar será ainda a mesma?*

GRAU DE SEGURANÇA E DEFINIÇÃO	Total N=953	M N=482	F N=471	NSE		
				Baixo N=430	Médio N=444	Alto N=79
«Estou muito seguro»	18	20	17	18	18	23
«Estou relativamente seguro»	34	39	28	29	38	34
«Estou indeciso entre duas ou mais profissões que me interessam»	33	29	37	34	32	34
«Estou completamente indeciso ou confuso acerca do meu futuro profissional»	15	12	18	19	12	9

Nível de significação estatística das diferenças (X^2): sexo ($p < .001$); NSE ($p < .05$).

QUADRO XVI

Comparação entre nível mais elevado de escolaridade aspirado e esperado, por sexo e NSE (em percentagens).

AS PROFISSÕES COLOCADAS EM 1.º E 2.º LUGAR SÃO...	Total N=763	M N=384	F N=379	NSE Baixo N=347	NSE Médio N=351	NSE Alto N=65
Do mesmo domínio e nível	34	36	31	33	34	38
Do mesmo domínio, de nível diferente	25	20	32	28	23	25
De domínio diferente, mas do mesmo nível	24	25	23	19	28	28
De domínio e nível diferentes	17	19	14	20	15	9

Nível de significação estatística das diferenças (X^2): sexo ($p < .01$); NSE ($p < .05$).

QUADRO XVII

Profissão eliminada por causa das disciplinas, por sexo e NSE (em percentagens). *Há alguma profissão para que gostaria de se preparar mas não o fará devido a uma ou mais disciplinas da área de estudos que a ela dá acesso?*

	Total N=905	M N=462	F N=443	NSE Baixo N=397	NSE Médio N=430	NSE Alto N=78
Sim	24	20	28	26	24	18
Não	76	80	72	74	76	82

Nível de significação estatística das diferenças (X^2): sexo ($p < .01$); NSE (n.s.).

Notas

(1) *Escolas Preparatórias*: Lagoa, Vidigueira, Castelo Branco, Condeixa-a-Nova, S. Mamede de Infesta, S.ta Marta de Penaguião e Valpaços. *Escolas Secundárias*: Tomás Cabreira (Faro), André Gouveia (Évora), Cascais, Marvila, N.º 1 de Aveiro, Moimenta da Beira, Infante D. Henrique (Porto), N.º 1 de V. N. de Famalicão, Eça de Queiroz (Póvoa de Varzim) e Mirandela. *Colégios Particulares*: Frei Luís Sousa (Armada), Colégio de Gaia, Ellen Key (Porto), D. Duarte (Porto), S. Gonçalo. (Amarante) e N.º S.ra Assunção (Vila Praia de Ancora).

(2) Saliente-se que o item era «Curso Superior não-universitário (Magistério, Enfermagem, Contabilidade, etc.) após o curso complementar».

Bibliografia

Cândida Soares M., et al. (1980), *Procura Social de Ensino — 9.º ano de escolaridade*. Lisboa, Gabinete de Estudos e Planeamento do Ministério da Educação.

Gottfredson L. (1981), Circumscription and

quatre cinquième des élèves espèrent conclure des études supérieures bien que tous ne s'en jugent pas capables. Les projets professionnels de ces élèves sont, pour la plupart, relatifs à des professions de niveaux supérieurs et se situent essentiellement dans des domaines non-technologiques. Ce sont les situations des filles et des élèves de niveau socio-économique bas qui s'avèrent les plus problématique en relation à toutes ces questions.

Abstract

Results of an inquiry on educational and vocational projects near 967 9th grade students from 25 schools all over the country are presented and analysed in terms of intervention needs by sex and socioeconomic status. Although most students intend to conti-

nue with their studies, it appears that at last half of them has not yet defined an immediate educational project, being confused or undecided among two of the five areas offered by high school programs. Some evidence allow the author to question the quality of short term educational projects from those students who have already made them: their tendency towards the Art/Science courses doesn't seem to lie on vocational reasons. In what concerns middle-term educational projects: eighty percent of the students wishes to get to College. Though not all of them regard themselves as able do get there. The majority of the vocational projects is related to high-level occupations, predominantly in non technological fields. Girls as well as lower socioeconomic status students stand as the most problematic cases regarding all these issues.